

NÃO EXISTE INFERNO, COMO LUGAR DE SOFRIMENTO ETERNO. MAS EXISTE INFERNO COMO ...

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 21 de julho de 2024

“Queimar no mármore do inferno, com um cobertor de fogo, para todo o sempre”. Helena pensava e escrevia essa frase todas as vezes que terminava uma reunião com seu patrão, o temido Dr. Saulo Henrique. Helena trabalhava como assistente administrativa em uma próspera empresa de incorporação imobiliária controlada, com mão de ferro, por SH.

As reuniões com SH sempre foram marcadas por um festival de grosserias, assédios e toda sorte de violências simbólicas. Somente violências físicas não foram observadas. SH gritava com seus empregados. Reclamava ferozmente dos mínimos atrasos. Qualificava todos, sem exceção, de incompetentes. Exigia silêncio sepulcral nas reuniões. Qualquer fala ou atitude minimamente divergente era alvo de ameaças de dispensa ou remoção para posto inferior.

Corria, na “firma”, a notícia que o Dr. SH tinha o mesmíssimo comportamento com parentes, clientes, colegas empresários, integrantes do governo e amigos (amigos?). Os empregados eram somente os alvos mais próximos e mais fáceis de uma personalidade que destilava as piores características aplicáveis ao convívio humano.

Portanto, não era de se estranhar que Helena pensasse e escrevesse, como que rogando uma praga, aquela frase sobre o inferno. Desejar o inferno para SH era um forma de vingar todos aqueles desaforos realizados, diária e sistematicamente, pelo patrão.

No auge de seu desespero, Helena encontrou, casualmente, com uma amiga de infância, Cristina. Retomou, sem maiores dificuldades, os fortes

laços de carinho e companheirismo que marcaram o convívio entre as duas décadas atrás. Cristina teve uma vida bem sofrida no plano material. Perdeu os pais bem cedo e passou quase toda a vida com limitados recursos pecuniários. Mas, diferente, de Helena teve a “sorte” de conviver com pessoas gentis e solidárias.

Helena mencionou para Cristina a frase que escreveu e pensou dezenas de vezes. Reconheceu que não era nobre desejar o inferno para alguém, mas não conseguia resistir ao sentimento de vingança. Afinal, o Dr. SH transformou a vida dela e dos colegas de trabalho em um verdadeiro inferno.

Na sequência de sua revelação, Helena ouviu de Cristina algumas afirmações completamente novas que abalaram profundamente suas arraigadas convicções. Cristina começou dizendo que não existe inferno, como lugar de sofrimento eterno destinado às almas que insistiram em cultivar a maldade, o negativo e o destrutivo.

Segundo Cristina, a criação do mundo é um ato de um ser absolutamente perfeito, absolutamente bom, absolutamente justo e absolutamente amoroso. Assim, seria inconcebível que Deus tenha criado um lugar de sofrimento eterno. O sofrimento sem fim é incompatível com o infinito amor do Criador.

Helena formulou, a partir dessa ponderação de Cristina, uma indagação pra lá de instigante. Questionou, a revoltada empregada de SH, se o sofrimento, qualquer que fosse ele, pequeno ou grande, transitório ou permanente, não seria incompatível com o infinito amor do Criador. Afinal, quem ama não maltrata de nenhuma forma.

Cristina estava preparada para essa pergunta. Afinal, conhecia, de longa data, o espírito irrequieto de Helena. A resposta foi apresentada com as seguintes palavras: “Todo sofrimento é temporário ou transitório. E esse sofrimento temporário não é uma manifestação da vontade de Deus, uma ação divina dirigida às suas criaturas. O sofrimento é uma consequência das ações ou omissões escolhidas conscientemente por cada espírito. Ao se afastar das virtudes fundamentais, notadamente o exercício do amor em sua máxima intensidade, a inexorável lei da causa e efeito entra em ação. O plantio é facultativo, mas a colheita é obrigatória, lembra a célebre frase”.

Helena continuou na ofensiva. Pediu expressa confirmação para a seguinte afirmação: “então, inferno não existe !!!!”. Cristina retrucou: “não falei que inferno não existe. Eu disse que não existe inferno como lugar de sofrimento eterno. Seguramente, existe, e com uma frequência enorme, um certo tipo de inferno”.

Segundo Cristina, o inferno existe como um estado de espírito construído por cada pessoa. O inferno pode ser o estado mental daquele ou daquela que decidiu caminhar no rumo contrário ao da paz interior. Lembrou, nessa linha, uma das passagens mais significativas das Cartas de Cristo: “Uma entidade infeliz definha e morre. Uma entidade feliz floresce. Isso é um fato básico da existência. Em última análise, cada entidade viva se alimenta de seu próprio estado interior de contentamento ou frustração”.

Cristina afirmou que existe uma antiga sabedoria estoica apontando no sentido de que você pode e deve ter completo domínio sobre seus juízos, dos quais decorrem seus desejos, impulsos e ações. Praticamente, não se tem controle sobre as influências externas que aparecem como adversidades. O que resta é definir como elas afetarão seu estado de espírito. Nesse sentido, as maiores ofensas são, também, seus maiores testes. Os desafios são os maiores treinamentos de suas virtudes.

Para Helena, o reencontro com Cristina foi como descobrir um verdadeiro tesouro. Compreendeu que o inferno desejado pelo Dr. SH para seus empregados não precisava de retorno idêntico, como em uma vingança na base do olho por olho e do dente por dente. Compreendeu, ainda, que o inferno perseguido pelo Dr. SH dependia de um certo consentimento dos empregados. Apesar não ser algo fácil de realizar, o estado (e seu nível) de apreensão, raiva e frustração era uma decisão interior de cada empregado. Esse conhecimento era o primeiro passo do longo treinamento interior a ser realizado.

